

O IMPACTO DA SALA DE AULA: AS EXPERIÊNCIAS E VIVÊNCIAS DO TRABALHO DOCENTE NO PROGRAMA DE RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA NO ENSINO DE HISTÓRIA

Ramil dos Santos Alves ¹
João Batista Gonçalves Bueno ²

RESUMO

Ao longo da formação da sociedade brasileira, o ensino de História possuiu contornos e características diversas, no período da Ditadura Militar as aulas de História eram restritas à promoção do patriotismo, com a finalidade de desenvolver o “espírito” nacionalista brasileiro. Com o período da redemocratização, o ensino de História volta-se à construção do senso crítico do alunado em relação à sociedade, embora as aulas de História, ainda, na atualidade, sofram com a permanência de um ensino tradicional, pautado nos grandes feitos, acontecimentos e datações históricas. Desse modo, é necessário a desconstrução desse modelo para um ensino baseado no desenvolvimento da criticidade dos educandos, que permeie e entrelace com a sua realidade sociocultural. Nossa pretensão no presente trabalho é compreender os desafios enfrentados pelos discentes vinculados ao programa de residência pedagógica nos anos iniciais do ensino fundamental II. Trata-se de analisar a lacuna entre a teoria do ensino de História e a prática docente, identificar como as limitações impostas pela gestão escolar e as defasagens na infraestrutura das instituições públicas dificultam a inserção de metodologias inovadoras na sala de aula e observar os métodos utilizados pelos residentes para driblar essa realidade e para aplicar aulas mais dinâmicas e interativas, a partir do meu relato pessoal como residente de História e dos colegas integrados ao Programa. A pesquisa foi delineada com base nas contribuições de Fonseca (2006); Bittencourt (2008); Libâneo (2006), dentre outros. Como procedimento metodológico, o presente trabalho utilizou-se de rodas de conversas virtuais com os alunos residentes. Portanto, buscou-se evidenciar os sentimentos, percepções e os obstáculos acerca da realidade vivenciada como professor residente e enfatizar a importância do programa de residência pedagógica na formação docente.

Palavras-chave: Ensino de História, Experiência Docente, Residência Pedagógica.



¹ Graduando do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, ramil.alves@aluno.uepb.edu.br;

² Professor Doutor do Departamento de História da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, joaobbueno@servidor.uepb.edu.br.

INTRODUÇÃO

De acordo com Fonseca (2006) “ a constituição da história enquanto disciplina escolar no Brasil, com seus objetivos e métodos surgira após a independência”. Contudo, a sua prática esteve presente durante toda a formação brasileira, com contornos e objetivos diversos. No período colonial, com a “história sagrada” e a “história profana”, no período imperial a história nacional, uma busca pela identidade, o patriotismo; no período republicano, com as ditaduras voltam-se ao patriotismo, o culto dos “heróis”, a formação moral e tradicional; a partir da redemocratização o ensino passa por reformulações e é visto por um olhar mais crítico e democrático. Nesse sentido, o ensino de história, ao longo da formação brasileira, foi modificando-se de acordo com os interesses e finalidades de determinados grupos.

Nessa perspectiva o presente trabalho busca discutir sobre as experiências docentes do ensino de História na contemporaneidade, os obstáculos encontrados na prática de um ensino crítico e diverso, que fuga de uma educação “tradicional”. Para isso, debateremos as experiências e as vivências de professores em formação do programa Residência Pedagógica, da Universidade Estadual da Paraíba, durante regência no ensino fundamental II. Desse modo, objetivamos compreender as lacuna existentes entre a História ensinada (teoria) e a História praticada (prática), quais os mecanismos utilizados pelos residentes para tentar mitigar esses entraves, levando em consideração as questões da infraestrutura da instituição e as limitações impostas pela gestão escolar.

A pesquisa norteou-se com base nos pensamentos de Fonseca (2006); Bittencourt (2008); Libâneo (2006), dentre outros. Utilizou- se como procedimento metodológico, rodas de conversas virtuais com os residentes, via Google meet. Portanto, a pesquisa buscou compreender como se dera as percepções, por parte dos residentes, no que tange a prática do ensino de História, quais as suas percepções, sentimentos e métodos utilizados para driblar as barreiras encontradas no ofício de ensinar, a disparidade entre teoria e prática. Bem como, enfatizar a importância do programa Residência Pedagógica durante o período de formação docente.

Conforme debatido nas conversas, o presente trabalho foi dividido em três partes. Em um primeiro momento, abordaremos sobre as disparidades entre a teoria e a prática de ensino, as percepções dos residentes; em um segundo momento, trabalharemos sobre as dificuldades impostas tanto por conta da infraestrutura escolar quanto pela gestão educacional; por fim, debateremos a cerca da orientação prestada pelo orientador do programa.

DESENVOLVIMENTO

1- A HISTÓRIA PRATICADA : A DISPARIDADE ENTRE TEORIA E PRÁTICA DOCENTE

Com o advento da redemocratização, o país enfrentou um processo de restauração da democracia pós-ditaduras, o ensino de História ganha novamente novas abordagens, sendo proposto uma prática voltada para uma análise crítica da sociedade brasileira, reconhecendo seus conflitos e abrindo espaço para as classes menos favorecidas como sujeitos da História (Fonseca, 2006, p. 60).

Todavia, apesar de novas abordagens, como história das mulheres, das mentalidades, entre outros, o ensino na atualidade, presente nos livros didáticos, ainda encontra-se pautados nos mesmos ideais perpassados desde o século XIX-XX, uma história feita de grandes marcos, grandes heróis, excluindo inúmeras parcelas da sociedade. Ao tentar sair desse ensino, o professor encontra inúmeros empecilhos, seja por parte da escola ou propriamente devido ao sistema, que prioriza temáticas mais tradicionais em detrimento a outras mais atuais, por exemplo, muito se fala sobre as conquistas gloriosas dos países, mas pouco se vê sobre as parcelas mais baixas que sofreram com este processo.

Impulsionados pelo meio acadêmico, os residentes são incentivados a buscar temáticas que desenvolvam um olhar mais crítico, reflexivo sobre a sociedade, a partir de novas metodologias, didáticas, práticas pedagógicas que fujam desse ensino pautado na figura do professor, que utiliza para fins educacional somente a sua voz, caneta e lousa. Nessa perspectiva, buscamos inserir na prática didáticas mais diversas, como aulas mais dialogadas com os discentes, a utilização de filmes, mapas mentais, jogos, músicas, podcasts. Contudo, nada disso se concretiza sem a interação entre alunos, professor e instituição.

Uma das maiores dificuldades enfrentadas pelos residentes foi na implementação de suas novas dinâmicas, a priori por conta da relação professor-aluno. Aprendemos na teoria a produzir um plano de aula “perfeito”, com a utilização de diversos mecanismos, crendo que haverá uma intensa participação/interação do alunado. Mas, na prática, nos deparamos com diversas especificidades que dificultam esse planejamento, o aluno não sente interesse pelo conteúdo, pois não dialoga com o seu cotidiano, não considera-o relevante, promovem diálogos paralelos fora do contexto da aula, como afirmam os residentes:

Envolve muito o próprio comportamento e interesse dos alunos, porque, por exemplo, eu tento fazer uma aula mais expositiva enfim... tentando dialogar diretamente com eles, justamente pra não ficar naquela monotonia, de apenas o professor explicar, tal. Tento fazer um mapa mental no quadro pra eles mesmo irem se guiando e ajudando a explicação, mas simplesmente parte da turma não tem um interesse pelo ensino de História, ... (BIANCA, 2024).

... também vem essa questão de chamar atenção do aluno pra o conteúdo, chamar atenção do aluno pra aquilo que está sendo falado, explicado ou até mesmo construído em sala de aula. É ... muito difícil na verdade conseguir fazer com que se tenha um controle da turma no geral, porque enquanto você está explicando uma coisa agora, pra uma parte, qualquer coisinha distrai quem está lá atrás (CARLOS, 2024).

Todavia, quando trabalhado novas temáticas, quando possível, ou temáticas tradicionais que dialoguem com a realidade do discentes, produzindo significado, percebemos um novo olhar sobre o conteúdo, o qual a todo momento buscam participar. Desse modo, é notório pontuar que há essa diferença, não se trata somente dos conteúdos, mas sim a forma de repassá-los, o que teoricamente se apresenta como tranquilo, no ensino percebe-se seus desafios.

2. O REAL DA SALA DE AULA: OS DESAFIOS E DIFICULDADES NO FAZER DE UM RESIDENTE PEDAGÓGICO

Outro ponto a ser destacado fora acerca da relação professor – escola, os desafios impostos tanto pela gestão escolar quanto pela infraestrutura da instituição. Ao chegarmos na escola, uma de nossas primeiras ações foi tentar alterar a forma de organização das carteiras nas classes, que são aquele estilo militar, enfileiradas, para uma forma circular, objetivando promover aulas mais dialogadas e dinâmicas, como vistos no meio acadêmico. Porém, posteriormente, fomos informados que não deveríamos modificar as posições das carteiras, não modificando a forma de organização da escola.

Além disso, como já supracitado, buscamos promover novas práticas de ensino, por meio de mapas mentais, dinâmicas, mas, infelizmente, muito do que poderíamos planejar não era possível. Em termos tecnológicos, a escola detinha somente de um datashow e pela quantidade de professores, muitas das vezes, mesmo ao reservar-mo-nos o equipamento, juntamente com a sala especializada (multimídia) ao chegar no dia, o equipamento não estava disponível. Assim, ficamos impossibilitado, muitas das vezes, em passar filmes em sala, aulas por meio de slides.

Com relação a trazer aulas dinâmicas, se torna um pouco estreito, um beco estreito, porque também a gente ver uma serie de possibilidades, mas quando a gente leva pra prática essas series de possibilidades se afunilam porque tem a questão da infraestrutura, ... a questão de recursos , né? Como computadores, datashow e tudo isso é muitas das escolas, principalmente as escolas ... (LUCAS, 2024).

Na teoria é fácil chegar, ó vamos montar uma aula deferente, trás datashow, trás brincadeira. Sim, só que, as vezes, a escola não permite isso. Muitas das vezes, a escola restringe a gente usar recursos da escola ou, as vezes, não deixa a gente sair de sala de aula porque não permite, tem que ficar em sala de aula, evita a gente fazer alguma alternativa, tem que esta sempre em sala de aula, só usar o livro, usar o lápis (CARLOS, 2024).

A questão da infraestrutura é um peso que recai muito. É um peso que tem influência na própria metodologia da gente...Porque, vem a questão de que, tem escolas que, realmente, não tem essa acessibilidade toda de alternativas, ou até mesmo de tecnologias, por exemplo, datashow, notebook, até mesmo televisão e caixa de som. Tem escolas que não são atendidas por essas necessidades. Enquanto tem outras que, embora sejam atendidas, não dão acesso para determinados funcionários da escola. Por exemplo, particularmente, na escola que a gente está atuando, teve vezes que a gente necessitou utilizar a sala de vídeo, datashow, e muitas das vezes foi negado (Carlos, 2024)

Outrossim, é importante destacar a respeito dos conteúdos presentes nos livros didáticos, como já supracitado, temáticas tradicionais, que são postos como obrigatórios ao ensino. Nessa perspectiva, muitas das vezes, não foi possível trazer novas temáticas como vistos na universidade, questões mais contemporâneas, pois “tinhamos” um livro didático a seguir. Todavia, buscamos trazer essas temáticas a partir de novos olhares, perspectivas, instigando o aluno a pensar, a participar. Isso porque, o conhecimento ele provém do diálogo entre professor e aluno e não somente do conhecimento repassado pelo docente (FREIRE, 1987, P. 44).

3. AS DORES E DELÍCIAS NA PRÁTICA DA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

Instituído no ano de 2018, o Programa Residência Pedagógica, por meio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES visa o aperfeiçoamento profissional dos discentes do nível superior, possibilitando-os uma aproximação entre a teoria, vista nos centros acadêmicos, com a prática, realidade nas escolas públicas da educação básica, fortalecendo assim esse laço entre teoria-prática (GOV.BR, 2018).

Nessa perspectiva, é notório pontuar a imensurável importância deste programa para nós, professores em formação, isso porque temos a oportunidade de entrar em contato com a realidade da educação pública, ainda durante o processo de aprendizagem, o que possibilita perceber os desafios impostos pelo sistema educacional brasileiro, como também o entrelaçamento entre a teoria e a prática docente

Além disso, o acesso à prática, ainda durante a formação teórica, assegura ao discente um olhar mais realista no meio educacional, da realidade o qual está sendo preparado para atuar.

Bem como, o contato com o aluno, além do enriquecimento em sua vida profissional, seu currículo, também possibilita uma maior autonomia do docente, haja vista, que durante as regências o graduando “tem” uma certa autonomia tanto na escolha das temáticas quanto pelas formas didáticas utilizadas.

Todavia, algumas lacunas são percebidas durante a atuação dos residentes na escola campo, como, a inexistência de reuniões com o orientador, responsável pelo programa na universidade, juntamente com o preceptor, o qual durante 11 meses de regência não houve nenhum tipo de orientação teórica em relação ao ensino praticado, a única interação entre orientador e orientandos fora a partir de comunicados, como na entrega de trabalhos. Logo, necessitamos de um maior apoio teórico do orientador, haja vista que somos professores em formação e, muitas das vezes, objetivamos trabalhar novas metodologias, mas se torna mais difícil sem um maior aporte teórico.

Portanto, o Programa Residência Pedagógica, apesar de sua grandiosa importância na formação docente, introduzindo o entrelaçamento entre teoria e prática, a constituição de uma identidade enquanto pessoa e professor, necessita de orientadores mais atentos, mais responsáveis, que deem um maior suporte, a partir de reuniões, planejamentos pedagógicos, presentes durante toda regência dos discentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso da prática docente é permeado de desafios a serem ultrapassados pelos professores, a sala de aula é composta por uma multiplicidade de sujeitos, com perspectivas e realidades socioeconômicas diversas. Os processos de ensino-aprendizagem não limitam-se ao conteúdo selecionado e transpassado em sala. O âmago da aprendizagem do discente está na capacidade do conteúdo tocá-lo, correlacionar com a realidade vivida e sentida, possuir significado com o contexto social no qual se insere. Entrelaçar os fatos históricos com o âmbito sociocultural do educando, evidenciando as discontinuidades, continuidades e permanências, torna-o crítico em relação à construção histórica da sociedade brasileira e suas mazelas sociais, percebe que nada foi dado ou naturalmente constituído, mas, cultura e socialmente fabricado.

O fazer do historiador/professor de História é desvincular a construção do conhecimento histórico das narrativas coloniais, eurocênicas, brancas e heteronormativas, partindo dos silêncios de sujeitos históricos excluídos não só do ensino de História, mas da historiografia. A história é uma lacuna sem fim, um ponto de interrogação interrupto, cujo as margens encontra-se no ruído do tempo, no qual podemos acessar apenas com resquícios humanos sobrevividos

na posteridade (SWAIN, 2011, P. 130). Desse modo, a história não é homogênea, não é apenas limitada as narrativas dominante, a história é negra, africana, indígena e latino-americana.

Em contraponto, o fazer do papel do professor em sala, não depende apenas da sua prática, mas está intrinsecamente ligado as relações interpessoais com a gestão escolar e os alunos, com o currículo estipulado pela instituição de ensino e as ferramentas disponibilizadas para aplicar um ensino diferente e dinâmico. Os principais desafios enquanto residente foi a falta de comunicação entre o preceptor, a gestão escolar e o orientador da residência. A ausência de interação e orientação nesse contato inicial com a escola, prejudicou a atuação dentro da sala de aula. Essa falta de diálogos e reuniões, deixou a cargo do residente a sua própria orientação, e isso empobrece essa experiência tão marcante que é a Residência Pedagógica, já que com uma comunicação estabelecida o desenvolvimento do residente seria mais rico e o ensino de História diversificado. Dessa forma, a relevância desse estudo foi promover a análise dos desafios na Residência Pedagógica, a fim de possibilitar o aperfeiçoamento do programa a posteriori, com base no olhar de residentes vinculados.

Embora esses entraves, há dores e delícias em ser residente pedagógico no ensino de História, a experiência enriquece a construção do professor, desenvolve autonomia, desafia o seu olhar, as suas teorias e metodologias. É no trabalho docente que construímos nossa identidade, desenvolvemos nossa criatividade ao enfrentar os obstáculos no trabalho, crescemos em nível de sensibilidade ao entender que o educando não apenas necessita de conhecimento, mas também de atenção, afeto e compressão em seu processo de aprendizagem, e percebemos diversos modos de ser professor e de ensinar História. A sala de aula detém uma magia particular e um poder transformador, ressignifica percepções, visões de mundo, olhar sobre si mesmo e sobre o outro, enquanto sujeitos em um coletivo e seres humanos em constante aprendizado.

REFERÊNCIAS

FONSECA, Thais Nivia de Lima e. História & ensino de História. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. (P. 15-89).

BUENO, João Batista Gonçalves; PINTO JUNIOR, Arnaldo; GUIMARÃES, Maria de Fátima. Formação de professores de História: o desenvolver das noções de interação, de significação e de identidade. Territórios e Fronteiras, Cuiabá, v. 8, n. 1, p. 93-112, 29 jul. 2015. Disponível em:

<https://periodicoscientificos.ufmt.br/territoriosefronteiras/index.php/v03n02/article/view/420>.

Acesso em: 13 mar. 2024

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. São Paulo: Cortez, 1990. 257 p. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232012000800031>. Acesso em: 14 mar. 2024

BITTENCOURT, Circe M. F. Ensino de História: fundamentos e métodos. In: *_. O que é disciplina escolar?*. São Paulo: Cortez, 2004. (P.31-52)

PROGRAMA, de Residência Pedagógica. **Gov.br**, 2018. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/educacao-basica/programa-residencia-pedagogica>. Acesso em: 12 mar. 2024

SILVA et al. Teoria da História e História ensinada: reflexões sobre a prática docente. In: Seminário de Pesquisa, Pós – Graduação, Ensino e Extensão do CCSEH – III SEPE ÉTICA, POLÍTICA E EDUCAÇÃO NO BRASIL CONTEMPORÂNEO, 2017, Anápolis. Anais. Anápolis, 2017. P.01-07.

NAVARRO SWAIN, Tânia. A CONSTRUÇÃO IMAGINADA DA HISTÓRIA E DOS GÊNEROS: O BRASIL NO SÉCULO XVI. **T.E.X.T.O.S. DE H.I.S.T.Ó.R.I.A Revista do Programa de Pós- graduação em História da UnB.**, [S.I.], v.4,n.2,p. 130-150, 2011. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/textos/article/view/27747>. Acesso em: 15 mar. 2024